



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

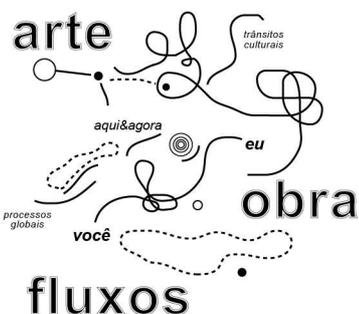
UMA FISIONOMIA DA SEMANA DE ARTE MODERNA: O RETRATO DE LOURIVAL GOMES MACHADO

Ana Cândida de Avelar
USP (DOUTORANDA)

Retrato da Arte Moderna do Brasil foi publicado em 1947 pelo jovem crítico Lourival Gomes Machado, obtendo prêmio da Associação Paulista dos Escritores. O objetivo do livro é garantir para a Semana de Arte Moderna de 1922 o título de marco da história da arte moderna brasileira, cuja presença se faria sentir em todas as manifestações posteriores. Nele, Gomes Machado coloca-se como um pintor que retrata o evento, criando uma metáfora do processo pictórico. É importante lembrar que, em 1942, Mário de Andrade havia proferido conferência durante a qual tecia um balanço negativo das conseqüências da Semana.

Em *Retrato*, Gomes Machado alerta o público sobre a mudança nos critérios de representação, pois esta não diz mais respeito apenas à verossimilhança. A escolha de termos como “linhas deformadas” e “distorção”, empregados pelo autor para descrever o ensaio, demonstra uma concepção de arte moderna figurativa de deformação expressiva diretamente relacionada à visualidade produzida pelos modernistas brasileiros, como Anita Malfatti, Lasar Segall, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti.

Entre 1941 e 1944, Gomes Machado integrara a revista *Clima*, idealizada por jovens intelectuais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. A revista traduzia a intenção do grupo de renovar a forma de se fazer crítica no Brasil. O ensaio de



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Gomes Machado foi pioneiro, dentre os trabalhos dos colegas, no tratamento do modernismo de 1922, episódio de grande significação intelectual para o grupo. O subtítulo de *Retrato* – “análise histórico-sociológica” – apresenta a novidade que trazem os membros de *Clima*. A formação universitária no recém-estruturado curso de Ciências Sociais garante-lhes a instrumentação necessária para a renovação crítica que visam – se os modernistas foram autodidatas, seus herdeiros na crítica paulista contavam com métodos científicos.

Nos anos de 1940, Gomes Machado já era crítico de destaque na imprensa paulista e, na década seguinte, foi diretor do Museu de Arte Moderna e da 1ª Bienal. Nesta comunicação, pretende-se examinar, a partir do ensaio citado, aspectos significativos de seu pensamento sobre o modernismo de 1922, à luz das idéias de Mário de Andrade; seu método de análise preocupado com as relações entre obra, artista e meio – que viria a se sofisticar –; e a indicação de uma genealogia para a arte brasileira que traçaria, em artigos futuros, tendo o barroco mineiro como primeira manifestação autêntica da cultura local.

Semana de Arte Moderna, Lourival Gomes Machado, crítica de arte.